

Data: 27.06.2020

Titulo: 62% dos portugueses manifestam racismo, revela estudo europeu

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



62% dos portugueses manifestam racismo, revela estudo europeu

European Social Survey revela que quanto mais velhos, mais fortes são os preconceitos. Escolaridade e rendimento não apagam racismo **Destaque, 2 a 4**

Área: 1360cm² / 48%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6881583

DIREITOS HUMANOS

Estudo europeu: em Portugal, 62% manifestam racismo

Dados do European Social Survey revelam que quanto mais velhas as pessoas, mais fortes são os seus preconceitos. Escolaridade e rendimento não apagam racismo. Apenas 11% da população discorda de todas as crenças racistas

Joana Gorjão Henriques

Há racismo em Portugal? O último European Social Survey (ESS) de 2018/2019, um dos mais respeitados inquéritos europeus, não deixa dúvidas: 62% dos portugueses manifestam racismo. O inquérito mede o racismo biológico com as perguntas: “Há grupos étnicos ou raciais por natureza mais inteligentes? Há grupos étnicos ou raciais por natureza mais trabalhadores?”; e o racismo cultural com a pergunta: “Há culturas, por natureza, mais civilizadas do que outras?”

Dos inquiridos, 62% concordaram com pelo menos uma das crenças. A concordância com todas as crenças em racismo biológico e cultural é de 32% – ou seja, um em cada três por-

tugueses concorda. Já os que discordam de todas as crenças racistas representam apenas 11% da população. Isto significa que há três vezes mais pessoas a manifestar racismo do que a rejeitar as crenças racistas.

Os dados foram trabalhados e fornecidos ao PÚBLICO em primeira mão pela coordenadora nacional do ESS em Portugal, a socióloga Alice Ramos, do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. A amostra aleatória de 1055 portugueses que responderam é representativa da população. Em cada uma das perguntas, as percentagens de discordância variam – e é importante centrar na discordância porque seria essa a resposta de quem rejeita uma crença racista. Na pergunta sobre se há grupos étnicos ou raciais mais inteligentes, apenas 59% discorda; sobre

a crença racista de que há grupos étnicos ou raciais por natureza mais trabalhadores, a percentagem de quem discorda ainda é mais baixa, quase metade: de 33,1%. Quanto à crença de que há culturas mais civilizadas, a percentagem dos que discordam é a mais baixa: apenas 12,6% declaram-no.

Constata-se ainda que quanto mais velhos são, maior é o número dos que manifestam crenças racistas – inversamente, são os jovens que apresentam os menores índices de manifestação de racismo.

Por exemplo, 70% dos que têm entre 15 e 35 anos discordam de que existam grupos étnicos ou raciais mais inteligentes, enquanto entre quem tem mais de 70 anos essa discordância é de apenas 34%. Visto de outro ângulo, quase 60% das pessoas com mais

de 75 anos subscrevem esta crença racista – é quase o dobro das pessoas que têm entre 36 e 55 anos e o triplo dos mais jovens. Na outra pergunta que mede a crença em racismo biológico – questionando se há grupos étnicos ou raciais por natureza mais trabalhadores –, as diferenças são igualmente acentuadas: dos que têm mais de 75 anos, 81% concordam e apenas 13% discordam, enquanto que no escalão 15-35 estes valores são de 43% na concordância e discordância. A faixa dos que têm entre 36 e 55 anos e 56 e 75 anos também apresenta baixos níveis de afastamento desta crença: 35% e 29%, respectivamente.

Já a crença em racismo cultural, expressa na pergunta sobre se há culturas por natureza mais civilizadas do que outras, é a que apresenta níveis mais altos de concordância. Mas há diferenças – nas pessoas com mais de 75 anos, 94,3% acreditam que há culturas mais civilizadas, percentagem que é de 70% nos que têm entre 15 e 35 anos. Os dois grupos etários seguintes, que têm entre 36 e 55 anos e entre 56 e 75 anos, há praticamente a mesma percentagem de concordância: 80%.

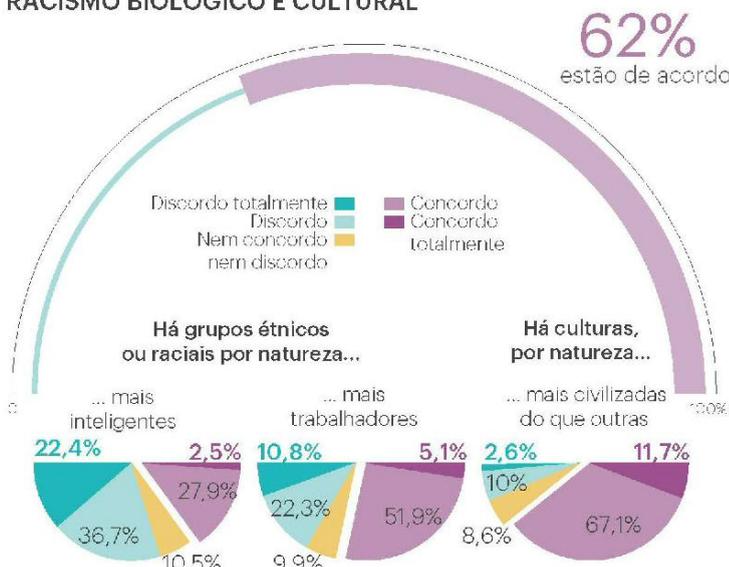
Cruzando as respostas com outras variáveis como o grau de escolaridade de quem responde e o seu rendimento – aqui medido por níveis de conforto com o que afeire –, verificam-se algumas tendências que se podem associar. Em duas perguntas sobre racismo biológico, quem tem o ensino superior e vive confortavelmente não deixa de manifestar essa crença, embora ela esteja mais acentuada em quem tem menor grau de escolaridade e menos rendimentos. No que toca a racismo cultural, as diferenças entre grupos por grau de escolaridade e por rendimento esbatem-se. Assim, 79,1% dos licenciados e 74,8% dos que vivem confortavelmente com o seu rendimento discordam que há grupos étnicos ou raciais por natureza mais inteligentes – comparado com apenas 41% dos que têm o ensino básico e com 48,9% dos que têm dificuldade em viver com o seu rendimento.

A ideia de que há grupos raciais e étnicos por natureza mais trabalhadores só merece a discordância de 48,8% entre quem tem o ensino superior e de 39,30% entre quem vive confortá-



A indignação com casos de racismo tem levado muitos à rua

RACISMO BIOLÓGICO E CULTURAL



CARACTERÍSTICAS DOS RESPONDENTES

| | Há grupos étnicos ou raciais por natureza... | | | Há culturas, por natureza... | | |
|---|--|------------------------|------------------------------------|------------------------------|------------------------|------------------------------------|
| | ... mais inteligentes | ... mais trabalhadores | ... mais civilizadas do que outras | ... mais inteligentes | ... mais trabalhadores | ... mais civilizadas do que outras |
| SITUAÇÃO COM O RENDIMENTO ACTUAL | | | | | | |
| Confortável | 18,3 | 6,9 | 74,8 | 52,4 | 8,3 | 39,3 |
| Consegue viver | 29,5 | 12,6 | 57,9 | 55,2 | 10,9 | 33,9 |
| Dificuldade em viver | 41,5 | 9,6 | 48,9 | 64,7 | 9 | 26,3 |
| Muita dificuldade em viver | 43,9 | 8,2 | 47,9 | 65,8 | 10,5 | 23,7 |
| GRAU DE ESCOLARIDADE | | | | | | |
| Básico | 47,1 | 11,6 | 41,3 | 68,9 | 9,7 | 21,4 |
| Secundário | 19,7 | 13,5 | 66,8 | 51,4 | 12,3 | 36,3 |
| Superior | 14,3 | 6,6 | 79,1 | 43 | 8,2 | 48,4 |
| IDADES | | | | | | |
| 15-35 | 16,2 | 13,1 | 70,7 | 43,3 | 13,4 | 43,3 |
| 36-55 | 27,8 | 10,4 | 61,8 | 56,4 | 8,6 | 35 |
| 56-75 | 37,5 | 8,8 | 53,7 | 61,4 | 10 | 28,6 |
| >75 | 57 | 9,3 | 33,7 | 81,1 | 5,6 | 13,3 |

O universo do estudo são os residentes no continente com idade igual ou superior a 15 anos. A amostra é aleatória e probabilística. Numa primeira etapa foram seleccionadas moradas, proporcionalmente à distribuição da população em cada um dos códigos postais (a quatro dígitos). Dentro de cada morada elegível foi seleccionada aleatoriamente uma pessoa. Das 3615 moradas seleccionadas, responderam 1055 pessoas, o que corresponde a uma taxa de resposta de 40% e a uma margem de erro de 3% para um intervalo de confiança de 95%.

Fonte: European Social Survey. Notas: as percentagens estão arredondadas.

PÚBLICO

vel com o seu rendimento; por outro lado, naqueles que têm o ensino básico, essa crença ainda é mais forte – só metade é que discorda (pouco mais de 21%), algo que se repete nos que têm muita dificuldade em viver com rendimento disponível (23,7%).

A crença de que há culturas mais civilizadas do que outras é partilhada por 70% de quem tem o ensino superior, por 86,1% de quem tem o ensino básico – e por 72,7% de quem vive confortavelmente, assim como por 84,9% de quem tem muita dificuldade em viver com o seu rendimento.

Como ler estes dados? Alice Ramos refere que desta vez mediram as crenças por escalas (no ESS de 2016/17, a resposta era apenas “sim” ou “não”). “Ao contrário do que se diz, as crenças racistas estão bastante disseminadas na sociedade portuguesa.” Neste ano, houve cerca de 10% a optar por “não concordo nem discordo”, opção que pode demonstrar ausência de opinião, mas pode ser um “cantinho que as pessoas escolhem por não quererem revelar” crenças racistas. “Porque é feio ser racista, há uma norma de anti-racismo e apesar de tudo as pessoas não gostam de dizer que o são”.

Mesmo analisando os que expressamente concordam, a fotografia é negativa: o facto de existirem 30% de pessoas que concordam com uma crença racista, como a existência de grupos étnicos ou raciais mais inteligentes do que outros, por si só, “chega para assustar”, refere. Até porque a pergunta nada esconde, “mostra exactamente o que está a perguntar”. “Se eu tivesse uma pergunta do tipo ‘os negros são menos inteligentes do que os brancos?’, não ia ter tanta gente a responder ‘sim’ porque era mais flagrante o que estava a ser medido”.

Embora as questões não sejam exactamente as mesmas, no ESS de 2016/17, os portugueses apresentavam-se igualmente com altos níveis de crenças racistas: 52,9% mostraram racismo biológico e 54,1% racismo cultural. “As crenças não mudam assim tanto porque estão enraizadas. São precisas muitas mudanças. Temos inúmeros exemplos”, comenta.

Estes indicadores foram escolhidos porque traduzem o princípio teórico segundo o qual as crenças racistas se baseiam na crença de que a humanidade está dividida em grupos e de que

Área: 1360cm² / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6881583

as pessoas que pertencem a cada um desses grupos étnicos e raciais são, na sua essência ou por natureza, diferentes, sendo que uns grupos são mais inteligentes e trabalhadores do que outros. “Ou seja, a ideia de que uma pessoa é mais inteligente ou trabalhadora porque nasce naquele grupo étnico ou racial.”

Já sobre a questão do racismo cultural, o facto de quase 80% concordar que existem culturas mais civilizadas do que outras “é um indicador de superioridade cultural na sua essência” – e põe como ponto de comparação, normalmente, “a civilização ocidental, com os seus valores, normas e tradições”. “Como se houvesse um caminho civilizacional único. Esta diferenciação é o primeiro passo que leva à discriminação: trata-se as pessoas de maneira diferente (e pior), porque merecem coisas diferentes, porque são diferentes por pertencerem a determinados grupos.”

Sobre os resultados que mostram uma relação entre crenças no racismo biológico e grau de ensino, considera que seria necessário usar outras análises para “perceber se o efeito da educação é sobre a crença ou sobre a manifestação da crença”: admitir que se tem crenças racistas numa sociedade democrática não é aceitável, portanto pode ser o grau de escolaridade que identifica essa deseabilidade social e faz com que a resposta apareça politicamente correcta, afirma. Por isso, “não podemos concluir que seja a escolaridade que interfere” na crença racista. Mas, apesar disto, sublinha: “A luta contra o racismo passa neces-

sariamente pela educação”.

Outro dado: as crenças sobre o racismo cultural são mais altas. “Há mais pessoas a aceitar o racismo simbólico, que acentuam as diferenças culturais, do que o flagrante, que acentuam as diferenças biológicas. Porque é socialmente mais aceite”.

O universo do estudo são os residentes no continente com idade igual ou superior a 15 anos. Segundo explica, a amostra é aleatória e probabilística. Numa primeira etapa, foram seleccionadas moradas, proporcionalmente à distribuição da população em cada um dos códigos postais. Dentro de cada morada elegível, foi seleccionada aleatoriamente uma pessoa. Das 3615 moradas seleccionadas, responderam 1055 pessoas, o que corresponde a uma taxa de resposta de 40% e a uma margem de erro de 3% para um intervalo de confiança de 95%.

Oposição à imigração diminuiu

No European Social Survey, há ainda perguntas sobre as atitudes face à imigração: o que pensam da entrada de imigrantes de diferentes origens étnico-raciais da maioria, e de países mais pobres? A oposição dos portugueses tem vindo a diminuir ao longo dos anos. Neste ESS de 2018/2019, a tendência mantém-se: em 2014/2015, Portugal estava entre os cinco países europeus que mais se opunham, mas em 2016/2017, ficou abaixo da média europeia e tornou-se

aquele onde essa oposição mais baixou; também em 2018/2019 apresentou um valor de 2,11 numa escala de 1 a 5, em que a média europeia é de 2,5 — e 1 é deixar entrar muitos e 5 nenhum (em 2002, estávamos com 2,8). Dos que acham que se deve deixar vir muitas pessoas percebidas como pertencendo a raça ou grupo étnico diferente da maioria, 80,9% discordam de que há grupos étnicos e raciais mais inteligentes e apenas 56% discordam de que há grupos mais trabalhadores. Já quanto ao facto de existirem culturas mais civilizadas, a discordância é menor (26,7%). Alice Ramos, coordenadora nacional do ESS, sublinha: “Resta saber como integramos essas pessoas. É aí que se pode fazer a ponte com o racismo, saber quais as políticas de imigração que defendem, se são a favor das mais integradoras ou das mais segregacionistas... mas não temos dados”, afirma. Seria necessário saber por que é que as pessoas acham que os imigrantes devem entrar, que trabalhos devem ocupar. Os resultados não entram em contradição com a análise sobre as crenças racistas. “Uma coisa é dar opinião sobre o que eu penso ou sobre o que os outros fazem; a outra é uma atitude de querer discriminar com base numa diferença”, concluiu.

“Ao contrário do que se diz, as crenças racistas estão bastante disseminadas [em Portugal]”

Alice Ramos

Coordenadora nacional do European Social Survey